

## SUJEITOS E VIRTUALIDADE: CONEXÕES E CONTRADIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Raquel Leite Braz

Mestranda do Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da  
Faculdade de Educação da UFMG

**Resumo:** O presente ensaio apresenta uma reflexão sobre os sujeitos contemporâneos na era virtual. Analisa como o desenvolvimento de tecnologias de informação, da comunicação social e das redes de relacionamento virtuais trouxe uma nova percepção do tempo e do espaço, e como tais transformações sociais repercutem de forma significativa nos sujeitos. As conexões virtuais são pontuadas através do apresentado no filme “Medianeiras”, que discute poética e esteticamente as contradições, angústias e ambiguidades que a virtualidade implica na vida social vivenciada nas metrópoles.

**Palavras-chave:** Sujeitos, Virtualidade, Contemporaneidade.

## SUBJECTS AND VIRTUALITY: CONNECTIONS AND CONTEMPORARY CONTRADICTIONS

**Abstract:** This paper presents a reflection on contemporary subjects in the virtual period. Analyzes the development of information technology, media and networks of virtual relationship brought a new perception of time and space, and how such social transformations impacting significantly on the subject. The virtual connections are punctuated by featured in the movie "Medianeiras" which discusses poetic and aesthetically contradictions, anxieties and ambiguities that virtuality implies social life lived in cities.

**Keywords:** Subjects, Virtuality, Contemporary.

### Sujeitos virtuais

O conceito de sujeito foi historicamente produzido. O sujeito, para Deleuze, não está dado, ele se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos decorrentes dos encontros com o outro. Já Lacan considerava a dimensão simbólica na concepção do sujeito.

Na perspectiva histórico-cultural o sujeito possui relação consigo mesmo, com o mundo e com os outros, mediados pela cultura e pela linguagem. Segundo CHARLOT (2005), a sociedade não é somente um conjunto de posições, é também o lugar de produção de

Recebido em 28/04/2015 / Aprovado para publicação em 18/05/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.19, p. 136-143, jun. 2016.

sentido e não se pode compreender esta produção de sentido a não ser em referência a um sujeito.

Assim, o sujeito é um ser de desejo constituído em contexto, ou seja, é indissociavelmente social e singular. O contexto social contemporâneo é tecido em redes, conexões virtuais e contradições, que marcam os mesmos com angústia e ambiguidade. Essa contemporaneidade imprime no sujeito uma nova temporalidade e um novo sentido espacial. Para LIMA (2003) o sujeito pode se refugiar na virtualidade como forma de tamponar seu mal-estar, seu desamparo estrutural.

O processo de modernização desenvolveu uma rede global da qual ninguém pode escapar. Essa rede se compõe de virtualidades num mundo excessivamente imagético, graças ao desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação. Neste sentido podemos falar no período histórico atual, século XXI, na constituição de sujeitos virtuais, interconectados.

Nietzsche já enfatizava o caos da vida moderna. Foram, e ainda são, rápidas e profundas transformações sociais geradas e potencializadas pela globalização e informatização. As relações pessoais se esvaem no tempo e se imprimem no espaço virtual, a mutação técnica dita o ritmo. Presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas a cada clique. Na ânsia pelo novo e no fascínio por essa velocidade de crescimento os seres humanos de tanto acelerarem mudanças circulam na depressão, na simulação virtual, na fragilidade. A fragmentação é reforçada pela contemporaneidade e no ciberespaço se busca alcançar a unidade do eu.

Enquanto sujeitos essencialmente temporais, com uma memória do passado e a esperança do futuro; e espaciais, nosso mundo é feito de lugares, dimensões e sensações; vemos-nos perdidos na acronia (ausência de tempo) e na atopia (ausência de lugar) resultantes da virtualidade.

“Assim, espaço e tempo, redefinidos, aparecem como condição de um processo de reprodução que tem no desenvolvimento técnico sua pedra de toque; o tempo irradiado pela técnica vira velocidade, e o espaço, distância a ser suprimida. Espaço e tempo tornados abstratos se esvaziam de sentido, contribuindo para a produção de nova identidade, a identidade abstrata, decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais, e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria, definida pelos parâmetros da reprodução capital no momento atual”. (CARLOS, 2001)

Neste contexto o mal-estar, a sensação de vazio, de falta, se fixa como premissa e o sujeito fica sujeitado à necessidade de preencher os vazios. O consumismo, as tecnologias, o

individualismo e o discurso da dissolução das diferenças surgem então como os grandes condicionantes da atualidade.

De acordo com a psicanálise, podemos dizer que o mercado joga com aquilo que é estrutural no sujeito: a falta. Se desejo é falta, ele oferece produtos que prometem a realização desse desejo. O imperativo do novo se impõe, e tudo se torna rapidamente obsoleto, ultrapassado. A história perde o sentido, torna-se também descartável, como o próprio sujeito, que deve manter-se eternamente jovem, dinâmico e belo, ou também será descartado. Os objetos (que podem até manter a juventude!), nessa sociedade de consumo, são oferecidos como podendo escamotear o desejo, mantendo o sujeito preso na ilusória promessa de que a falta pode ser preenchida. (LIMA, 2003)

A cultura tange a sociedade com seus hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento. Estes elementos são incorporados pelos sujeitos, em processo permanente de significação e sentido, e advém das várias experiências de sociabilidade pelas quais passam: família, escola, amizades, comunidade, igreja, etc.

### **Compre uma pílula para esquecer**

“(...) e, aquele que não morou nunca em seus próprios abismos. Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas. Não será exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema (Manoel de Barros).”

Vivemos a aceleração da nossa vivência temporal e a perda do valor das experiências, das vivências. Inclusive das vivências de dor e sofrimento que são cotidianamente burladas por fármacos da felicidade. São tantos estímulos protagonizados pela virtualidade que nossa memória ficou evanescente. Assim a depressão é o sentimento social geral da contemporaneidade, é a expressão da frustração, da estagnação do sujeito, alimentada pelo medo da fugacidade da realidade contemporânea, mas, como fortemente propagado, passível de ser controlada pelo uso de remédios receitados por especialistas do discurso médico. Tornamo-nos reféns dos discursos competentes, proferidos por especialistas, reforçados pelo avanço nas pesquisas científicas, em especial na área biotecnológica.

BIRMAN (1999) afirma que o sofrimento contemporâneo não é mais interiorizado, ele se exterioriza em três dimensões: no corpo, grande cenário aonde o mal-estar se instala, através da preocupação com o físico, do temor da morte e da indústria cosmética; na ação, através do aumento das formas de violência e dos graus de crueldade, da maior compulsão ao uso de drogas, do excesso de comidas e consumo; nos sentimentos, através das variações extremadas de humor, das depressões e distúrbios psicológicos. Em contrapartida há um empobrecimento do campo do pensamento (conhecimento) e da linguagem (discurso).

Somos tomados por produções intensivas sem ter os mecanismos para digeri-las, regulá-las. A partir destas intensidades perdemos o domínio de nós mesmos. Vivemos assustados e clamamos pela expansão dos aparelhos jurídicos e repressores (Polícia) do Estado, solicitamos mais sistemas de controle e segurança. Os fundamentalismos religiosos emergem e seus discursos se fortalecem. A psiquiatria biológica, através da naturalização do uso de produtos medicamentosos, pretende controlar nossas intensidades e nos tornar autômatos produtivos, passíveis de chafurdar na nossa condição animal e distanciar da condição pensante. Claramente a vida intelectual é desprestigiada.

O mal-estar na atualidade, segundo BIRMAN (2006), assume uma direção marcadamente perversa na qual o desamparo do sujeito atinge dimensões traumáticas. O sujeito recusa sua condição de desamparo alimentando a ilusão de que a dor do desamparo pode ser recusada pela transformação da alquimia dos humores propiciada pela medicalização do sofrimento.

A aceleração econômica e informacional contrasta com a depressão da vida privada. Esta mesma que agora é exposta nas redes de relacionamento virtual. Nada fica no âmbito do pudor. Há um abalo nas fronteiras público-privado, artificial-natural, normal-patológico, liberdade-segurança, autonomia-dependência, deficiência-diferença.

BAUMAN (2001) diagnostica essa liquidez, atenta para falta de forma das coisas, para a inconstância das relações humanas. As pessoas interagem através de redes virtuais em relações passíveis de pouca durabilidade. Relacionamentos *online*, compras a eternas prestações, escravidão do crédito, preocupação com performances e submissão a estéticas corporais cruéis são a nossa realidade. Enfim, a ideia de que não temos limites faz com que não saibamos aonde ir e nem o que queremos realmente fazer.

Nesse caos tudo é inventado, tudo é moda. O sujeito precisa se reinventar o tempo todo, frente a toda dificuldade de selecionar critérios em face da multiplicidade deles. As informações são instantâneas, pulverizadas e fugazes. Tudo é fragmentado.

Tal fragmentação gerada pela compressão espaço/temporal é facilmente observável no mundo produtivo e do trabalho. Viviane Mosé exemplifica: antes a produção era concentrada em um grande espaço, numa única planta. Visava-se a qualidade e faziam-se estoques de produtos. Todo processo produtivo, da matéria-prima à distribuição e consumo, era concentrado e os proletários compartilhando o mesmo espaço, uma vez que todas as etapas produtivas eram localmente centralizadas, podiam se articular melhor. Hoje a mesma

fragmentação que vemos no processo produtivo se espelha na fragmentação da classe trabalhadora. Os referenciais proletários, os sindicatos, se esfacelam, e temos um conjunto fragmentado de indivíduos dispersos social e politicamente pela dispersão da produção, pela fragmentação econômica. Até mesmo as empresas capitalistas se virtualizaram. Surge o tele-trabalho que suprime a necessidade da presença física nos postos de trabalho. Abandona-se a ideia de qualidade e estoque. Tudo é descartável.

“A análise do impacto da atual revolução tecnológica, que tem como pilares a microeletrônica, a microbiologia e as novas formas de energia, mostra que novas possibilidades se abrem para: o aproveitamento dos recursos naturais, a produção artificial de materiais não disponíveis na natureza (os sintéticos); a mudança qualitativa dos instrumentos e meios de trabalho e outras formas de organização dos instrumentos e meios de trabalho.” (MACHADO, 2011, p.125).

Essa realidade pode ser estendida para muitos aspectos da vida do sujeito contemporâneo, constantemente conectado ao mudo virtual, mundo este desprovido de espessura espacial e temporal. A atopia e a acronia são seu modo de existir, não possuem coordenada geográfica. Tudo coexiste, sem passado, sem provir, sem lugar. A atualização online é a forma do ser humano interagir com esse mundo virtual aparentemente universalizante, mas essencialmente fragmentado. Uma nova cultura, a cyber-cultura, livre do espaço e do tempo, se desenha. A relação eu e o mundo vai se desmaterializando. A sociedade não é mais a do trabalho que mata, mas sim a do consumo que mata. O sujeito nessa nova realidade é o consumidor em potencial.

A ética protestante servia ao capitalismo para impor que a energia humana fosse direcionada ao trabalho. O desejo tinha que ser reprimido. A ética consumista contemporânea desreprime o desejo, há um suposto direito ao prazer. O humano ideal é eternamente jovem e belo e esse ideal de juventude e beleza pode ser financeiramente conquistado. O esforço não é mais de reprimir o desejo e sim direcioná-lo para o consumismo. Controla-se não o desejo em si, controla-se o quê ele deve ser.

### **Medianeras: há conexão?**

O filme "Medianeras", dirigido por Gustavo Tarreto, e lançado Brasil em 2011, traz reflexões sobre as várias transformações que o desenvolvimento tecnológico vem ocasionando: novas formas de organização espacial, novas relações de trabalho, mudanças na administração do tempo, diferentes estilos de vida, mudanças de valores e alterações

profundas nas formas de relacionamento humano. Quanto mais desenvolvimento tecnológico, mais distanciamento. Quanto mais os relacionamentos vão se tornando virtuais, mais solitários vamos ficando. E é esta solidão a que já estamos acostumados, uma solidão urbana, rodeada de desconhecidos, a que o filme faz referência.

"Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita. É uma cidade superpovoada em um país deserto. Uma cidade onde se erguem milhares e milhares de prédios sem nenhum critério. Ao lado de um muito alto, tem um muito baixo. Ao lado de um racionalista, tem um irracional. Ao lado de um em estilo francês, tem um sem estilo. Provavelmente estas irregularidades nos refletem perfeitamente, irregularidades estéticas e éticas. Esses prédios que se sucedem sem lógica, demonstram total falta de planejamento. Exatamente assim é a nossa vida, que construímos sem saber como queremos que fique... É certeza que as separações e os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a apatia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, a tensão muscular, a insegurança, a hipocondria, o estresse, o sedentarismo, são culpa dos arquitetos e incorporadores. Estes males, exceto o suicídio, todos me acometem..."(Texto de abertura do filme *Medianeras*)

Na metrópole os humanos se sentem isolados do tempo e do espaço. A desorganização da cidade relembra o caos da vida moderna. Contudo, o fato de estarmos conectados confunde, mascara, desalenta.

"A internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida. Faço coisas de banco e leio revistas pela internet; baixo músicas, ouço rádio pela internet; compro comida pela internet; alugo e vejo filmes pela internet, converso pela internet, estudo pela internet, jogo pela internet, faço sexo pela internet..." (*Medianeras*, 2011)

Seríamos autômatos que perderam a conexão consigo mesmos? Na virtualidade o cotidiano é simulado por imagens intensificadas, apresentadas pelos meios de comunicação. As redes sociais são as nossas grandes vitrines, metáforas do sistema capitalista que transformou tudo em mercadoria que para ser vendida, precisa ser exposta.

No espaço urbano estas relações se imprimem, geram marcas estéticas. Um exemplo destas marcas são as *medianeras*. Aquelas paredes laterais que por proximidade com as construções vizinhas não podem ter janelas e, por isso, também são conhecidas como paredes cegas, que acabam sendo utilizadas por anúncios e imagens publicitárias.

"Todos os prédios, todos mesmo, têm um lado inútil. Não serve para nada, não dá nem para frente, nem para o fundo, a "medianera", superfícies que nos dividem e que lembram a passagem do tempo, a poluição e a sujeira da cidade. As "medianeras" mostram nosso lado mais miserável, refletem a inconstância, as rachaduras, as soluções provisórias... É a sujeira que escondemos debaixo do tapete..." (*Medianeras*, 2011)

Nas grandes cidades a superficialidade e a fragilidade dos relacionamentos coincidem com a consolidação da era digital, contribuindo para o distanciamento afetivo das pessoas. A conexão virtual acaba distanciando as pessoas das experiências vivenciadas.

Ao nos conectarmos virtualmente sublimamos a falta de janelas? Em uma das cenas do filme há uma criança andando de bicicleta numa sacada minúscula de um apartamento de andar superior. Talvez seja essa a sensação. Presos estamos num espaço limitado, mas que tem o horizonte como paisagem e, mesmo apertados, conseguimos ter o prazer mascarado de poder andar de bicicleta.

Outra interessante marca impressa na película foi a relação do protagonista com sua mochila. Esta, devidamente equipada com artefatos tecnológicos, permite a segurança que um fórbico, viciado na virtualidade, necessita para conseguir sair de “casa”.

A abertura das janelas, mesmo que proibida, é deliciosamente gozada pelos protagonistas. Talvez seja esta a metáfora principal do filme: a possibilidade de estabelecer outras conexões, que liguem coisas, pessoas, espaços, tempos, não necessariamente através de fios, mas por meio de outras relações.

### **Concluindo sem respostas para o fluxo interrogatório**

“(...) eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficar aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu me esqueça o que sou e qual meu lugar. (Rousseau apud BERMAN, 1986).”

Nesse admirável mundo novo para cada conexão virtual há no mínimo duas contradições. Neste primeiro instante estamos vivenciando o momento do fascínio pelo novo, a primeira etapa da paixão. Paixão passível de ser deletada em apenas um clique ou de ser comprada em ações de especulação financeira a suaves prestações no cartão de crédito. Caso não dê certo e resulte em uma depressão podemos ir ao especialista que nos receitará algum remédio que sublimará a nossa dor. Entretanto, nunca se sabe exatamente o que vai acontecer com uma paixão! Janelas podem se abrir...

### **Referencial**

BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão: Poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Recebido em 28/04/2015 / Aprovado para publicação em 18/05/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.19, p. 136-143, jun. 2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Novas subjetivações e o mal estar na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.cpflcultura.com.br/2009/12/01/integra-novas-subjetivacoes-e-o-mal-estar-na-contemporaneidade-joel-birman/> Acesso em julho de 2012.

\_\_\_\_\_. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, Marilena e MATOS, Olgaria de. **A contração do tempo e o espaço do espetáculo**. Disponível em: <http://www.cpflcultura.com.br/2010/09/03/cafe-filosofico-cpfl-especial-%E2%80%93-a-contracao-do-tempo-e-o-espaco-do-espetaculo-%E2%80%93-marilena-chai-e-olgaria-matos/>. Acesso em julho de 2012.

FREUD, Sigmund (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LIMA, Nádia Laguárdia de. **Fascínio e Alienação no Ciberespaço: uma contribuição para o campo da educação**. Belo Horizonte, UFMG/FAE, 2003.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Mudanças Tecnológicas e a Educação da Classe Trabalhadora. In *Conhecimento e inclusão social: 40 anos de pesquisa em Educação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MEDIANERAS. Direção: Gustavo Tarreto. Argentina, Espanha, Alemanha, 2011, 95 minutos.

MOSÉ, Viviane. **Desafios contemporâneos: A educação**. Disponível em: <http://www.cpflcultura.com.br/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-a-educacao-viviane-mose/> Acesso em julho de 2012.